

SOCIOFUNCIONALISMO: UM DUPLO OLHAR SOBRE A VARIAÇÃO E A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Maria Alice Tavares¹

RESUMO: Desde o final dos anos 80, a orientação de pesquisa denominada “sociofuncionalismo” vem se dedicando à investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística. Essa orientação de pesquisa busca articular, para a análise e a explicação desses fenômenos, pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano ou, em sua denominação mais recente, linguística baseada no uso. Neste texto, identifiquei similaridades entre pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo norte-americano e da sociolinguística variacionista. Na sequência, apresento um levantamento de fenômenos variáveis do português brasileiro e de outras línguas que foram analisados em uma perspectiva sociofuncionalista. Por fim, proponho procedimentos metodológicos visando uma abordagem integrada – sociolinguística e funcionalista – para fenômenos variáveis, considerando, em especial, a relação entre a variação morfossintática e o processo de mudança por gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: sociofuncionalismo; pressupostos teórico-metodológicos; gramaticalização.

ABSTRACT: Since the late 80s, the research orientation called "sociofunctionalism" has been dedicated to the investigation of phenomena of variation and language change. This research orientation seeks to articulate, for the analysis and explanation of these phenomena, theoretical and methodological assumptions of variationist sociolinguistics and American functionalism/usage-based linguistics usage. In this paper, I identify similarities between theoretical and methodological assumptions of American functionalism and variationist sociolinguistics. Then I present a survey of variable phenomena of Brazilian Portuguese and other languages that were studied under a sociofunctionalism perspective. Finally, I propose methodological procedures aiming at an integrated approach – sociolinguistics and functionalist – for variable phenomena, considering in particular the relationship between morphosyntactic variation and the process of change by grammaticalization.

KEYWORDS: sociofunctionalism; theoretical and methodological assumptions; grammaticalization.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutora em Linguística pela mesma instituição. Professora Associada I na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq. Membro do grupo de pesquisa Estabilidade, Variação e Mudança Linguística (EVM) e do Programa para a História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN). Vice-coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL no período de agosto de 2010 a julho de 2012 e de agosto de 2012 a julho de 2014. Email: aliceflp@hotmail.com.

1. Introdução

Desde o final dos anos 80, uma orientação de pesquisa que pode ser denominada “sociofuncionalismo” vem se dedicando à investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística, buscando articular, para a análise e a explicação desses fenômenos, pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano ou, em sua denominação mais recente, linguística baseada no uso.

Segundo Neves (1999), o termo “sociofuncionalismo” surgiu no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ) em referência a pesquisas que procuravam coadunar diretrizes da sociolinguística variacionista e do funcionalismo norte-americano com o intuito de analisar tendências de uso variável como sendo reflexo da organização do processo comunicativo. Estudos adotando essa orientação de pesquisa passaram a se multiplicar em diversas universidades brasileiras.

Neste texto, tenho como objetivos: (i) identificar pontos de contato entre pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo norte-americano e da sociolinguística variacionista; (ii) apresentar um levantamento de fenômenos variáveis do português brasileiro e de outras línguas que foram analisados em uma perspectiva sociofuncionalista; (iii) propor procedimentos metodológicos visando uma abordagem integrada – sociolinguística e funcionalista – para fenômenos variáveis, considerando, em especial, a relação entre a variação morfossintática e o processo de mudança por gramaticalização.

O texto está organizado da seguinte forma: as duas primeiras seções trazem conceitos fundamentais da sociolinguística e do funcionalismo, respectivamente. Na terceira seção, são apresentados pressupostos defendidos tanto por teóricos variacionistas quanto por teóricos funcionalistas e, na quarta seção, é focalizada a relação entre a variação morfossintática e a gramaticalização, bem como são elencados estudos feitos à luz do duplo olhar sociolinguista e funcionalista. Na quinta seção, são delineados procedimentos que podem ser adotados para a coleta e a análise de dados em uma pesquisa sociofuncionalista. Finalizando o texto, seguem as conclusões e as referências bibliográficas.

2. Sociolinguística variacionista: a língua no contexto sociocultural e estilístico

A sociolinguística variacionista dedica-se à análise da “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (LABOV, 2008[1972], p. 13). Em contraste com a postura linguística dominante na década de sessenta, que definia a língua como um sistema estável e homogêneo, a sociolinguística variacionista defende que a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis: os falantes fazem escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou construções.² A variação assim definida implica a existência de formas variantes, isto é, duas ou mais formas distintas que, em uma dada comunidade de fala e em um dado período de tempo, são usadas para a expressão do mesmo significado ou função – as formas variantes possuem equivalência referencial e/ou funcional (cf. CHAMBERS; TRUDGIL, 1980; WOLFRAM, 1991; TAGLIAMONTE, 2006, 2012; WATT, 2007). O objetivo da pesquisa variacionista é identificar casos de variação e explicar como e porquê eles existem.

Um conjunto de formas variantes é denominado “variável linguística”. A variável linguística é o objeto de estudo da sociolinguística variacionista: trata-se do fenômeno variável investigado. Variáveis linguísticas podem ser identificadas em qualquer nível linguístico: fonológico, morfossintático, pragmático/discursivo (cf. TAGLIAMONTE, 2012).³

A variação linguística é um fenômeno regular, e, portanto, pode ser sistematizada e analisada quantitativamente. Um dos principais objetivos da sociolinguística variacionista é a descoberta dos padrões de distribuição das formas variantes, o que permite o mapeamento de possíveis influências de natureza

² A respeito da autoconsciência linguística, Schilling-Estes (2002) alerta que, apesar de as escolhas linguísticas poderem ser deliberadas, envolvendo o uso consciente de certas variantes, essas escolhas também podem ser inconscientes, envolvendo o uso de variantes que o indivíduo sequer percebe que está usando.

³ A título de exemplificação, listo três variáveis linguísticas: (i) no nível fonológico, o *-s* pós-vocálico, cujas variantes de realização podem ser a alveolar surda (*dois*), a alveolar sonora (*doiz*), a aspiração (*doih*) e o apagamento (*doi0*); (ii) no nível morfossintático, a expressão do objeto direto pronominal, cujas variantes de realização podem ser o pronome pessoal do caso oblíquo (*Eu o vi ontem*); a anáfora zero (*Eu vi 0 ontem*) e o pronome pessoal do caso reto (*Eu vi ele ontem*); (iii) no nível pragmático/discursivo, a requisição de apoio discursivo, cujas variantes de realização podem ser os marcadores discursivos *né?*, *tá?*, *sabe? entende? não tem?*.

sociocultural, linguística e estilística sobre o emprego variável dessas formas. Para tanto, são percorridos os seguintes passos de análise:

1. Definição do envelope de variação, isto é, o pesquisador define o conjunto de escolhas linguísticas à disposição de um falante em uma certa comunidade de fala. Nessa etapa, o pesquisador identifica a variável linguística e suas formas variantes (cf. LABOV, 1978).
2. Levantamento de hipóteses para explicar possíveis tendências de distribuição das formas variantes. Essas hipóteses são operacionalizadas através da elaboração de grupos de fatores condicionadores de natureza sociocultural, linguística e estilística. Grupos de fatores condicionadores em linha com diferentes hipóteses podem sugerir explicações distintas para um dado fenômeno variável, desde fisiologia da articulação a fatores socioculturais, estilísticos, cognitivos e comunicativos.
3. Os dados são coletados, codificados e submetidos a tratamento estatístico, a fim de que se possa medir a influência que cada um dos fatores exerce sobre o uso de cada uma das variantes.
4. Depois de obtidos os resultados quantitativos, busca-se verificar se as hipóteses foram atestadas, procurando-se chegar a uma explicação para o fato de os falantes optarem por uma forma em detrimento de outras formas também possíveis de serem empregadas com o mesmo significado ou a mesma função.

Em síntese, ao observar a existência de uma variável linguística em uma dada comunidade de fala, o pesquisador circunscreve o contexto variável, coleta os dados relevantes, codifica esses dados de acordo com hipóteses elaboradas com base na literatura e em suas próprias observações, e, por fim, analisa e interpreta os resultados quantitativos obtidos.

3. Funcionalismo norte-americano/linguística baseada no uso: uma perspectiva emergentista da língua

A respeito da linguística baseada no uso, Bybee (2010, p. 195) afirma que essa teoria “se desenvolveu diretamente e é, em certo sentido, apenas um novo nome para o funcionalismo norte-americano”, representando uma “extensão das

abordagens desenvolvidas na linguística cognitiva e funcional” (BYBEE, 2012, p. 2). Neste texto, faço uso intercambiável das duas denominações.⁴

Nessa vertente de pesquisa, defende-se que o conhecimento gramatical de um falante tem origem em sua experiência particular com as formas linguísticas em termos de frequência e contextos de uso. A gramática é definida como uma entidade emergente, dinâmica (cf. HOPPER, 1998), aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, inclusive em termos de frequência. As construções gramaticais⁵ têm sua origem na repetição de agrupamentos de palavras no discurso, podendo-se dizer que a gramática emerge ‘da repetição de muitos eventos locais’ (BYBEE, 2006, p. 714). A frequência de exposição e de uso das construções gramaticais é de grande importância para o estabelecimento e a manutenção da gramática: sua representação cognitiva é afetada pelo contato do usuário da língua com repetidas instâncias de uso no sentido em que *tokens* da experiência fortalecem os exemplares armazenados (cf. PIERREHUMBERT, 2001; BYBEE; HOPPER, 2001).⁶

As práticas comunicativas são caracterizadas pela “interação dinâmica entre os modos de comunicação habituais, rotinizados, e os traços improvisados, contingentes e emergentes” (GÜNTHER, 2011, p. 181). No uso diário da língua, temos, por um lado, construções gramaticais que são repetidas, reforçando-se assim sua regularidade e seu caráter fixo, sistemático – o uso conserva a gramática; por outro lado, tais construções podem ser rearranjadas e remodeladas de modos diferentes, dando origem a construções inovadoras – o uso modifica a gramática (cf. TAVARES, 2003, 2012a).

O processo de constituição da gramática é constante, gradual e sempre dirigido pelo discurso (cf. HOPPER, 2008): as construções gramaticais rotinizadas não são estáveis, mas sim adaptáveis às necessidades *on line* da interação face a face. Ou seja, “as estruturas estão constantemente sendo modificadas e

⁴ Alguns pesquisadores têm optado pela denominação “linguística centrada no uso” para a mesma teoria, que pode ser denominada, ainda, de “linguística cognitivo-funcional” (cf. MARTELOTTA, 2011).

⁵ O termo *construção* pode ser utilizado em referência a qualquer porção de língua constituída por mais de uma palavra, incluindo desde sintagmas a orações ou mesmo partes mais extensas. Todavia, é possível considerar que a própria palavra seja uma construção, resultante da combinação de diferentes morfemas (cf. HEYVAERT, 2003).

⁶ A proposta de gramática emergente apresentada por Hopper (1987, 1998, 2001, 2004, 2008, 2011) vem exercendo cada vez mais influência em diferentes áreas de investigação linguística, como a linguística interacional e a linguística cognitiva (cf. GÜNTHER, 2011).

negociadas durante o uso” (HOPPER, 2011, p. 29). As adaptações e negociações acontecem a partir das experiências anteriores imediatas e de longa duração de cada um dos interlocutores com o uso das construções gramaticais em situações comunicativas variadas.

A gramática sempre está sujeita à mudança, posto que depende do uso que é feito dela nas diversas situações da vida cotidiana – palco em que se manifesta a adaptação entre as necessidades cognitivo-comunicativas de falantes e ouvintes com diferentes experiências de vida e, por conseguinte, de língua (cf. HOPPER, 1987, 1998; TAVARES, 2012a). Como as experiências do falante e do ouvinte com a língua são particulares, individuais, e podem ser distintas em diversos graus, eles têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções. Daí surge a mudança: adaptações feitas durante a interação, como tentativa de obtenção de êxito no processo de troca verbal, podem ocasionar o surgimento de novas estratégias para a constituição do discurso, que, se frequentemente repetidas, rotinizam-se, tornando-se parte da gramática da língua. Tornam-se, pois, construções gramaticais.

Esse movimento de rotinização gramatical é denominado gramaticalização, caracterizado como o processo de regularização gradual pelo qual estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou itens gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto comunicativo (cf. HOPPER, 1987, 1998, 2011). Esse processo envolve um conjunto de mudanças pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas correlacionadas (cf. TRAUGOTT, 2010, 2011), todas induzidas pelos contextos de uso das formas relevantes.

4. Sociofuncionalismo: articulação de pressupostos da sociolinguística e do funcionalismo

Na perspectiva funcionalista, considera-se que, por derivar da experiência do falante com a língua, a gramática é variável e probabilística por natureza (cf. PIERREHUMBERT, 1994; BYBEE, 2010, 2012). Ou seja, a variação está presente nos níveis mais profundos de representação gramatical, sendo, portanto, inerente à língua. Segundo Bybee (2010), temos aí um grande ponto de aproximação entre a linguística baseada no uso e a sociolinguística variacionista:

para a autora, a sociolinguística pode incorporar pressupostos teórico-metodológicos da linguística baseada no uso, uma vez que também propõe que a variabilidade é um fenômeno inerente à língua.

A respeito da aproximação entre essas teorias, Bybee (*op. cit.*, p. 114) pontua ainda que:

Em uma teoria baseada no uso, os estudos quantitativos passam a ser extremamente importantes para a compreensão da amplitude da experiência com a língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1966, 1972), embora destinada à compreensão de como ocorre a interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança gramatical.

Além da questão da variabilidade inerente, existem vários postulados teórico-metodológicos da sociolinguística e da linguística baseada no uso que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados para o estudo de fenômenos de variação e de mudança linguística. A seguir, estão listados alguns desses postulados, que são defendidos tanto por teóricos variacionistas quanto por teóricos funcionalistas.⁷

- Prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; GIVÓN, 1995; entre outros);
- A língua não é estática. Ao contrário, sofre alterações constantes (cf. GUY, 1995; GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1987);
- O fenômeno da mudança linguística recebe um lugar de destaque, e é entendido como um processo contínuo e gradual (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER; TRAUGOTT, 2003);
- Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis (cf. LABOV, 1994; HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991);
- Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas (cf. LABOV, 2008 [1972a]; HOPPER; TRAUGOTT, 2003);

⁷ Para cada pressuposto, citei apenas um ou dois autores representativos de cada uma das teorias.

- A frequência das ocorrências recebe destaque. Na perspectiva funcionalista, a frequência é fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática, e, além disso, a difusão linguística e social da mudança pode ser captada através do aumento da frequência de uso em diferentes contextos (BYBEE, 2010). Na perspectiva variacionista, o aumento de frequência é compreendido como índice de difusão sociolinguística (LABOV, 2008[1972a]), além do que as variantes devem ter certa recorrência para que possam ser comparadas por meio de instrumental estatístico.
- Há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua. A mudança se espalha de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social etc. É comum haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso. (cf. LABOV, 2008 [1972a]; LICHTENBERK, 1991);
- Fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística. No âmbito da sociolinguística, Labov (2008 [1972a]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. E no âmbito do funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante.
- A gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática, vem recebendo grande destaque nos estudos funcionalistas (cf. HARDER, BOYE, 2011). Para o funcionalismo, vários casos de variação e mudança morfossintática podem ser explicados através desse processo (BYBEE, 2010; NEVALAINEN; PALANDER-COLLIN, 2011). No âmbito da sociolinguística, Labov (2010) também aponta a gramaticalização como uma possível fonte de explicação para a mudança morfossintática, e cita autores funcionalistas que vêm trabalhando nessa perspectiva, como Heine e Kuteva (2005), Hopper e Traugott (2003) e Haspelmath (2004).⁸⁹

⁸ Uma lista mais completa de postulados da sociolinguística e do funcionalismo que apresentam similaridades pode ser conferida em Tavares (2003, 2013a) e Tavares e Görski (2013). Nesses textos, também são abordados postulados de ambas as teorias que são de difícil convergência ou mesmo divergentes, e são propostas sugestões de estratégias que o pesquisador pode adotar para lidar com tais postulados. Em Tavares (2003, 2013a) também podem ser conferidos: (i) uma discussão epistemológica acerca do *locus* ocupado pelo sociofuncionalismo na pesquisa linguística; (ii) a menção a outras vertentes de pesquisa sociofuncionalistas florescentes no Brasil, cada uma originada de graus particulares de convergência entre preceitos do funcionalismo e da sociolinguística.

⁹ Pesquisadores que desejam abordar a variação e a mudança fonético-fonológica também podem fazê-lo recorrendo ao funcionalismo em busca de explicações. São ótimas fontes de consulta para estudos desse tipo obras como Bybee (1994; 2001); Hopper (1994), Lindblom (1994), além de vários dos capítulos publicados na coletânea de Bybee e Hopper (2001).

5. Gramaticalização: convergência entre os fenômenos de estratificação e de variação

Nesta seção, lanço o foco sobre o processo de gramaticalização e sua relação com o fenômeno de variação morfossintática, relação essa que é apontada, por diversos pesquisadores como um dos pilares que sustenta a possibilidade de um duplo olhar funcionalista e sociolinguista sobre os fenômenos de variação e mudança linguística (cf. BYBEE, 2010; FREITAG, 2007; GÖRSKI, 2006; GÖRSKI *et al.*, 2003; LIMA-HERNANDES, 2005; NARO; BRAGA, 2000; NEVALAINEN; PALANDER-COLLIN, 2011; POPLACK, 2011; TAGLIAMONTE, 2000, 2003; POPLACK; TAGLIAMONTE, 2000; TAVARES, 1999, 2003, 2013a; TAVARES; GÖRSKI, 2013; TORRES CACUULLOS, 2001, 2011, entre outros).

A gramática congrega domínios funcionais variados. Cada um desses domínios funcionais abarca um conjunto de formas gramaticalizadas, isto é, de uso rotinizado, que possuem funções gramaticais similares ou idênticas.¹⁰ Hopper (1991) explica a possibilidade de existência dessas formas gramaticais com funções sobrepostas através de um princípio que ele denomina *estratificação*. Segundo esse princípio, como resultado da gramaticalização, podem emergir, ao longo do tempo, nos domínios funcionais da gramática, novas camadas, que passam a coexistir com as camadas mais antigas, caso estas continuem sendo usadas. Ou seja, a “estratificação é o resultado sincrônico da gramaticalização sucessiva de formas que contribuem para o mesmo domínio” (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003, p. 125). Hopper (1991) apresenta como exemplos de camadas que convivem no mesmo domínio funcional as seguintes formas de indicação de tempo pretérito do inglês: *ablaut* (*They sang*), sufixação (*I admired it*) e construção perifrástica (*We have used it*), assim como as diversas formas de sinalização do futuro na mesma língua: *will*, *be going to*, *be + ing*, *be + to*, *be about to*, surgidas em diferentes períodos de tempo.

O fenômeno de estratificação pode ser relacionado com o objeto de estudo da sociolinguística variacionista, que é o fenômeno de variação linguística. Como vimos, a variação linguística implica a existência de formas variantes, que são duas ou mais formas que são utilizadas para a expressão do mesmo significado

¹⁰ Segundo Givón (1984), domínios gramaticais são áreas gramaticais gerais (ou macrodomínios) como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou áreas mais estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o aspecto global, o caso nominativo, a dêixis etc.

e/ou da mesma função. Formas variantes de nível morfossintático podem ser entendidas como equivalendo a diferentes camadas integrantes de um mesmo domínio funcional, e a coexistência dessas formas pode ser compreendida como estando representando uma etapa de mudança em que convergiram os percursos de gramaticalização seguidos por cada uma das formas.

Uma relação semelhante entre os fenômenos de estratificação e de variação é feita por Tagliamonte (2003, p. 14), quando afirma que a gramaticalização “necessariamente produz variabilidade na gramática e essa variabilidade reflete as camadas variáveis da gramaticalização representadas por diferentes formas”. Na mesma linha, Tagliamonte e Smith (2006, p. 344) consideram que a “variabilidade na gramática pode ser interpretada como estratificação em que formas diferentes refletem mudança gramatical”.

A seguir, estão listados alguns estudos que abordaram fenômenos do português brasileiro com base na articulação de pressupostos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo norte-americano, destacando, em especial, o processo de gramaticalização como fonte de explicações para a variação e a mudança linguística. Trata-se uma lista bastante incompleta que visa tão somente fornecer uma amostra da diversidade de fenômenos passíveis de receber um tratamento sociofuncionalista.

- Pronomes de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*) – Tamanine (2010)
- Pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e *você*) – Barcia (2006), Silva (2013)
- Pronomes possessivos de primeira pessoa do plural (*nosso* e *da gente*) – Rafael (2010)
- Conectores sequenciadores (*e*, *aí*, *daí* e *então*) – Tavares (1999, 2003, 2013a)
- Conectores comparativos (*tipo*, *feito*, *igual* e *como*) – Lima-Hernandes (2005)
- Duplos conectores adversativos – Gonçalves (2013)
- Conjunções causais (*porque* e *por causa (de) que*) – Amorim (2011)
- Preposições regidas pelo verbo IR de movimento (*à*, *para* e *em*) – Wiedemer (2008)
- Verbos indicadores de futuro do pretérito em estruturas condicionais – Avelar (2013)
- Verbos indicadores de futuro – Gibbon (2000), Tafner (2004)
- Verbos indicadores de passado imperfectivo – Freitag (2007)
- Indicadores de aspecto global (*pegar* e *ir*) – Tavares (2013b)
- Marcadores de especificidade (*aí* e *lá*) – Confessor (2013)
- Requisitos de apoio discursivo (*sabe? entende? e não tem?*) – Valle (2001)

- Retificadores de conteúdo (*quer dizer* e *vamos dizer*) – Dal Mago (2001)
- Introdutores de turno (*olha* e *vê*) – Rost-Snichelotto (2002, 2009)

A seguir, estão elencados, também de forma bastante incompleta, alguns fenômenos de outras línguas – especialmente do inglês – que também foram abordados com base na perspectiva de que as diferentes camadas de um domínio funcional correspondem às diferentes formas variantes de uma variável linguística.

- Verbos indicadores de modalidade deôntica no inglês – Tagliamonte; Smith (2006)
- Verbos indicadores de presente perfeito no inglês – Tagliamonte (2000)
- Verbos indicadores de futuro no inglês – Tagliamonte (2003)
- Verbos indicadores de passado perfectivo no inglês – Walker (2010)
- Verbos possessivos estativos (*have/has, have/has got, 'v/'s got, got*) – Tagliamonte (2008)
- Intensificadores (*well, right, very, really, so*) – Ito; Tagliamonte (2003), Tagliamonte; Roberts (2005)
- Construções resultativas (*way, self*) – Mondorf (2010)
- Construções binominais de tamanho (*bunch(es)/heap(s)/pile(s)/load(s)/bit/scrap/jot of*) – Brems (2011)
- Marcadores discursivos contrastivos (*instead, rather, on the contrary*) – Lewis (2013)
- Advérbios aproximativos (*like, about*) – D'Arcy (2005)
- Verbos introdutores de citação (*be like, say, go, think*) – Tagliamonte; D'Arcy (2007)
- Construções ampliadoras gerais (*and that, and stuff, and things, and everything*) – Cheshire (2007)
- Verbos indicadores de aspecto progressivo no espanhol – Torres Cacoullós (2001)
- Verbos indicadores de futuro no espanhol – Aaron (2006)
- Orações condicionais marcadoras de futuro no grego – Nikiforidou; Torres Cacoullós (2010)
- Verbos indicadores de aspecto progressivo no francês e no holandês – Mortier (2008)

6. Procedimentos metodológicos: um duplo olhar

Quais os procedimentos de análise que podem ser adotados por um estudo sociofuncionalista? Grosso modo, os procedimentos seguidos, no âmbito do sociofuncionalismo, são, em geral, os abaixo sintetizados:

1. Análise do percurso de gramaticalização de uma forma para a identificação de domínios funcionais que contenham, além dessa forma, outras formas que desempenham a mesma função em um mesmo período de tempo. Essas formas são, então, consideradas camadas ou variantes.
2. Testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais) que influenciam a escolha de uma dessas formas em detrimento das demais, buscando-se descobrir, assim, os padrões de variação das formas envolvidas.
3. Interpretação desses padrões de variação como indícios de gramaticalização.

Numa perspectiva sociofuncionalista, os resultados quantitativos e qualitativos obtidos são explicados através de princípios e motivações de natureza cognitivo-comunicativa – cuja fonte principal é o funcionalismo norte-americano ou linguística baseada no uso –, além de princípios e motivações de natureza sociocultural e estilística – cuja fonte principal é a sociolinguística variacionista.

Dependendo do fenômeno gramatical investigado, podem atuar princípios como o da iconicidade, da marcação linguística, da coerência temática, do paralelismo, da economia, da expressividade retórica, da marcação estilística, da marcação identitária, além de princípios relacionados ao próprio processo de gramaticalização, como o princípio da persistência e o princípio da especialização (cf. BYBEE, 2010; GIVÓN, 1995; HOPPER, 1991; SCHERRE, 1998; TAVARES, 2003, 2012b, 2013a; GÖRSKI, TAVARES, FREITAG, 2008; TAVARES; GÖRSKI, 2013).

Em relação aos princípios da gramaticalização, eles podem ajudar a esclarecer os padrões de variação das formas variantes, o que representa, nas palavras de Tagliamonte (2000, p. 329), a integração da “pesquisa sociolinguística sincrônica em uma abordagem variacionista à pesquisa da gramaticalização”. Existem pelo menos duas possibilidades:

1. Os padrões de variação podem ser resultantes da preservação de traços semântico-pragmáticos, morfossintáticos e/ou estilísticos dos usos fontes das formas variantes – o que pode ser explicado pelo princípio da persistência;
2. Os padrões de variação podem servir como diagnóstico do estado atual da situação de variação em termos dos contextos preferencias de uso de cada forma variante, além de revelar indícios referentes aos próximos estágios da trajetória de gramaticalização que está sendo percorrida por cada forma variante – o que pode ser explicado pelo princípio da especialização.

A persistência, um dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), tem se mostrado bastante relevante para o estudo da variação linguística (cf. TAGLIAMONTE, 2003; TAGLIAMONTE, SMITH, 2006; POPLACK, 2011, TAVARES, 2003, 2013a, entre outros). Segundo esse princípio, matizes dos significados originais de uma forma linguística tendem a aderir a ela, conservando-se ao longo do processo de gramaticalização. Assim, detalhes da história dessa forma podem ser refletidos em condicionamentos morfossintáticos, semântico-pragmáticos e/ou estilísticos a seu uso variável, mesmo quando essa forma assume significados até distantes daqueles de seu uso fonte. Em decorrência, o exame do passado das formas variantes é fundamental para contextualizar – e explicar – a variação sincrônica.

Quanto ao princípio da especialização, a sociolinguística variacionista prevê que os fenômenos de variação podem ser resolvidos no curso do tempo. Essa mesma previsão é feita, na abordagem funcionalista, a respeito dos fenômenos de estratificação. No caso de formas variantes de um mesmo domínio funcional, há pelo menos duas possibilidades de solução para a variação ou estratificação:

1. Uma das formas variantes pode sofrer generalização funcional, vindo a englobar as especificações de função e/ou as preferências contextuais manifestadas por todas as formas variantes concorrentes, que se tornam, então, desnecessárias e podem ter seu uso bastante diminuído ou até mesmo vir a desaparecer (cf. HOPPER, 1991) – esse processo pode ser denominado especialização por generalização;
2. Cada forma variante pode se especializar para funções distintas ligadas ao mesmo domínio funcional ou a domínios funcionais próximos (ou seja, ocorre uma divisão das funções desempenhadas por cada forma) ou, ainda, cada variante passa a ser empregada em contextos socioculturais, linguísticos ou estilísticos específicos, diferentes dos contextos em que passam a ser utilizadas as formas concorrentes – esse processo pode ser denominado especialização por especificação (cf. TAVARES, 1999, 2003, 2013a).

Por conseguinte, tanto uma especialização por generalização quanto uma especialização por especificação levam à eliminação de uma situação de variação e, assim, representam uma etapa a mais na continuidade do processo de gramaticalização das formas envolvidas. O controle de grupos de fatores linguísticos, estilísticos e socioculturais típico dos estudos variacionistas permite a

observação dos contextos preferenciais de uso de cada uma das formas variantes, e, assim, possibilita que seja feito um diagnóstico a respeito de suas especializações.

7. Conclusões

Como vimos, na busca de articulação entre pressupostos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo norte-americano, pressupostos comuns ou similares se reforçam mutuamente, a exemplo da primazia do uso linguístico, da ubiquidade da variação linguística e da gradualidade da mudança, que são “pedras angulares” tanto de estudos variacionistas quanto de estudos funcionalistas (cf. POPLACK, 2011, p. 210). Além disso, pressupostos mais ou menos divergentes podem acabar por se emparelhar após um bom diálogo, do que resulta um sabor misto de ambas as teorias. Dessa forma, termos como *estratificação* e *variação* convergem em uma linguagem teórica comum, passando a referir o mesmo fenômeno.

Dependendo do fenômeno variável investigado, estudar variação acaba sendo, em uma abordagem sociofuncionalista, estudar gramaticalização, pois, quando analisamos um fenômeno de variação existente entre formas variantes – ou camadas – de um domínio funcional, analisamos uma etapa de mudança em que convergiram os percursos de gramaticalização seguidos por cada uma das formas que compõem esse domínio.

No entanto, Poplack (*op. cit.*, p. 211) pontua que “a gramaticalização é geralmente entendida – e estudada – como o conjunto de mudanças envolvidas na associação de uma forma com um novo (presumivelmente mais gramatical) significado ou função, minimizando ou mesmo ignorando o papel das outras camadas que coexistem nesse contexto”. Defendo, porém, que, se, por conta da gramaticalização, uma forma se torna uma das camadas de um certo domínio funcional, a análise somente será completa se também forem levadas em conta as demais formas que competem com essa forma mais recente, pois são as inter-relações entre todas as camadas que definem os rumos do domínio como um todo e de cada elemento em particular. Com o objetivo de analisar essas inter-relações, na abordagem sociofuncionalista, o objeto central de investigação pode passar a ser justamente a coexistência de camadas ou variantes num mesmo domínio funcional.

Concluo apontando que a busca de convergência entre pressupostos do funcionalismo norte-americano – ou linguística baseado no uso – e da sociolinguística variacionista deve prosseguir, pois há muito ainda a ser refletido a respeito da associação entre ambas as teorias em uma vertente de pesquisa sociofuncionalista, cujos desdobramentos prometem ser cada vez mais frutíferos e instigantes para o estudo dos fenômenos de variação e mudança linguística do âmbito morfossintático.

Referências bibliográficas

- AARON, J. E. **Variation and change in Spanish future temporal expression**. Doctoral Dissertation, University of New Mexico, 2006.
- AMORIM, F. da S. Alguns indícios sincrônicos da gramaticalização do conector por causa (de) que. **Revista Eletrônica de Linguística**, v. 5, n. 1, p. 361-380. 2011.
- AVELAR, N. **A alternância no uso entre as formas verbais futuro do pretérito e pretérito imperfeito em construções hipotáticas condicionais na fala de Natal**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Natal, UFRN, 2013. (em elaboração)
- BARCIA, L. R. **As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.
- BREMS, L. **Layering of size and type noun constructions in English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.
- BYBEE, J. A view of phonology from a cognitive and functional perspective. **Cognitive Linguistics**, v. 5, p. 285-305. 1994.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 84, n. 4, p. 711-733. 2006.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Usage-based models in linguistics. Entrevista de Tiago Timponi Torrent. **Revista Linguística**, v. 8, n. 1, p. 1-6. 2012.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CHESHIRE, J. Discourse variation, grammaticalisation and stuff like that. **Journal of Sociolinguistics**, v. 11, n. 2, p. 155-193. 2007.

CONFESSOR, F. W. **Gramaticalização de AÍ e LÁ como marcadores emergentes no domínio funcional da especificação nominal**: o surgimento de formas variantes. 2013. (artigo em elaboração)

DAL MAGO, D. **Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, UFSC, 2001.

D'ARCY, A. F. **Like: syntax and development**. Doctoral Dissertation, University of Toronto, 2005.

FREITAG, R. M. Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: UFSC, 2007.

GIBBON, A.a de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, UFSC, 2000.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, F. B. **Abordagem sociofuncionalista ao duplo conector adversativo**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Natal, UFRN, 2013. (em elaboração)

GÖRSKI, E. M. A questão do *continuum* na interface variação/gramaticalização. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, Ana Ruth M.; FINGER, Ingrid; AMARAL, Luís I. C. do (Orgs.). **Estudos da linguagem**: VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2006. Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 145-172.

GÖRSKI, E. M.; GIBBON, A.; VALLE, C. R. M.; MAGO, D. Dal; TAVARES, M. A.. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2003. p. 106-122.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. Ko. Restrições de natureza cognitivo-comunicativa: marcação versus expressividade retórica em fenômenos variáveis. In: RONCARATI, Cláudia.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro II**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 101-117.

GÜNTHER, S. Between emergence and sedimentation: projecting constructions in German interactions. In: AUER, Peter; PFÄNDER, Stefan. (Eds.). **Constructions: emerging and emergent**. Berlin: de Gruyter, 2011. p. 156-185.

GUY, G. R. Form and function in linguistic variation. In: GUY, Gregory R.; FEAGIN, Crawford; SCHIFFRIN, Deborah; BAUGH, John (Eds.). **Towards a social science of language**. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 121-252.

HARDER, P.; BOYE, K. Grammaticalization and functional linguistics. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 56-68.

HASPELMATH, M. On directionality in language change, with particular reference to grammaticalization. In: FISCHER, Olga; NORDE, Muriel; PERRIDON, Harry (Eds.). **Up and down the cline: the nature of grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 17-44.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **Language contact and grammatical change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEYVAERT, L. **A cognitive-functional approach to nominalization in English**. Berlin: de Gruyter, 2003.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **BLS**, v. 13, p. 139-157. 1987.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P. J. Phonogenesis. In: PAGLIUCA, W. (Ed.). **Perspectives on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 29-45.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. v. 1. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 155-176.

HOPPER, P. J. Grammatical constructions and their discourse origins: prototype or family resemblance? In: PÜTZ, M.; NIEMEIER, S.; DIRVEN, R. (Eds.). **Applied cognitive linguistics I: theory and language acquisition**. Berlin: de Gruyter, 2001. p. 109-129.

HOPPER, P. J. The openness of grammatical constructions. **Chicago Linguistic Society**, v. 40, n. 2, p. 153-175. 2004.

HOPPER, P. J. Emergent serialization in English: pragmatics and typology. In: GOOD, Jeff. (Ed.). **Language universals and language change**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 253-84.

HOPPER, P. J. Emergent grammar and temporality in interactional linguistics. In: AUER, Peter; PFÄNDER, S. (Eds.). **Constructions: emerging and emergent**. Berlin: de Gruyter, 2011. p. 22-44.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ITO, R.; TAGLIAMONTE, S. *Well* weird, *right* dodgy, *very* strange, *really* cool: layering and recycling in English intensifiers. **Language in Society**, v. 32, p. 257-279. 2003.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, v. 44. 1978.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta P.; CARDOSO, Caroline R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LEWIS, D. A discourse-constructional approach to the emergence of discourse connectives in English. **Linguistics**. 2013. (forthcoming)

LICHTENBERCK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 37-79.

LIMA-HERNANDES, M. C. P. *A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, UNICMP, 2005.

LINDBLOM, B. Phonological units as adaptive emergents of lexical development. In: FERGUSON, C.; MENN, L.; STOEL-GAMMON, C. (Eds.). *Phonological development: models, research, implications*. Timonium, MD: York Press, 1992. p. 131-163.

MARTELOTTA, M. E.. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MONDORF, B. Genre effects in the replacement of reflexives by particles. In: DORGELOH, Heidrun; WANNER, A. (Eds.). *Syntactic variation and genre*. Berlin: de Gruyter, 2010. p. 219-245.

MORTIER, L. An analysis of progressive aspect in French and Dutch in terms of variation and specialization. *Languages in Contrast*, v. 8, n. 1, p. 1-20. 2008.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/ gramaticalização. *Gragoatá*, n. 9, p. 125-134. 2000.

NEVALAINEN, T.; PALANDER-COLLIN, M. Grammaticalization and sociolinguistics. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 118-129.

NEVES, M. H. de M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. esp., p. 71-104. 1999.

NIKIFORIDOU, K.; TORRES CACOULOS, R. Variably future-marked conditionals in Greek: integrating discourse and grammar. **Constructions and frames**, v. 2., n. 1, p. 90-123. 2010.

PIERREHUMBERT, J. B. Knowledge of variation. **CLS**, v. 30, p. 232-256. 1994.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: word frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul John (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.

- POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.
- POPLACK, S; TAGLIAMONTE, Sali A. The grammaticization of *going to* in (African American) English. **Language Variation and Change**, v. 11, p. 315-342. 2000.
- RAFAEL, N. **Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos NOSSO(A)(S) e DA GENTE** em uma abordagem sociofuncionalista. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Natal, UFRN, 2010.
- ROST, C. **OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis, UFSC, 2002.
- ROST-SNICHELOTTO, C. **“Olha” e “vê”**: caminhos que se entrecruzam. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis, UFSC, 2009.
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 7, p. 29-59. 1998.
- SCHILLING-ESTES, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Cambridge: Blackwell, 2003. p. 375-401.
- SILVA, F. C. **Análise da distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular “tu e “você” na fala de Natal – um estudo sociofuncionalista**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Natal, UFRN, 2013. (em elaboração)
- TAFNER, E. P. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis, UFSC, 2004
- TAGLIAMONTE, S. A. The grammaticalization of the present perfect in English: tracks of change and continuity in a linguistic enclave. In: FISCHER, Olga; ROSENBACH, Anette; STEIN, Dieter (Eds.). **Pathways of change: grammaticalization in English**. Amsterdam: John Benjamins, p. 329-354. 2000.
- TAGLIAMONTE, S. A. Comparative sociolinguistics. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Cambridge: Blackwell, 2003. p. 729-763.
- TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TAGLIAMONTE, S. A. So different and pretty cool: recycling intensifiers in Toronto, Canada. **English Language and Linguistics**, v. 12, n. 2, p. 361-394. 2008.
- TAGLIAMONTE, S. A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.
- TAGLIAMONTE, S. A.; D’ARCY, A. Frequency and variation in the community grammar: tracking a new change through the generations. **Language Variation and Change**, v. 19, n. 2, p. 341-380. 2007.

TAGLIAMONTE, S. A.; ROBERTS, C. So weird; so cool; so innovative: the use of intensifiers in the television series Friends. **American Speech**, v. 80, n. 3, p. 280-300. 2005.

TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, J. Layering, competition and a twist of fate: deontic modality in dialects of English. **Diachronica**, v. 23, n. 2, p. 341-380. 2006.

TAMANINE, A. M. B. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR**. 2010. Tese (Doutorado em Letras), UFPR, Curitiba, 2010.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 1999.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 33-51.

TAVARES, M. A. O papel do gênero textual na variação estilística: em busca de padrões comunitários. **Revista do GELNE**, v. 14, n. esp., p. 239-257. 2012b.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista**. Natal: EDUFRRN, 2013a. (no prelo)

TAVARES, M. A. **Abordagem sociofuncionalista: em busca de camadas/variantes**. 2013b. (artigo em elaboração)

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. **Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista**. 2013. (capítulo de livro em elaboração)

TRAUGOTT, E. C. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, Donka; STOCKWELL, Robert (Eds.). **Studying the history of the English language: millennial perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: JUCKER, Andreas H.; TAAVITSAINEN, Irma (Eds.). **Historical pragmatics**. Berlin: de Gruyter, 2010. p. 97-126.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: LURAGHI, Silvia; BUBENIK, Vit. (Eds.). **Continuum companion to historical linguistics**. London: Continuum, 2011. p. 271-285.

TORRES CACOULOS, R. From lexical to grammatical to social meaning. **Language in Society**, v. 30, p. 443-478. 2001.

TRAUGOTT, E. C. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, Manuel (Ed.). **The handbook of Hispanic sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2011.

VALLE, C. R. M. **Sabe? ~ não tem? ~ entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis, UFSC, 2001.

WALKER, J. A. (Ed.). **Aspect in grammatical variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

WATT, D. Variation and the variable. In: LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise; STOCKWELL, P. (Eds.). **The Routledge companion to sociolinguistics**. New York: Routledge, 2007. p. 3-11.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WIEDEMER, M. L. **A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis, UFSC, 2008.

WOLFRAM, Walt. The linguistic variable: fact and fantasy. **American Speech**, v. 66, n. 1, p. 22-32. 1991.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013

